



**X Fórum  
Nacional  
NEPEG**

**de Formação  
de Professores  
de Geografia**

percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

**PRÁTICA E REALIDADE DO ENSINO DE GEOGRAFIA  
EM ESPAÇOS NÃO-FORMAIS:  
O CASO DO PIBID NA ESCOLA PAULO FONTELES EM BELÉM-PA<sup>1</sup>**

Verônica Falcão Mendes<sup>2</sup>  
Universidade do Estado do Pará- UEPA  
[veronicageo15@hotmail.com](mailto:veronicageo15@hotmail.com)

**Resumo:** Este trabalho apresenta um relato da experiência quando da participação no então Subprojeto de Geografia “Formação Socioespacial, Território e Saberes Amazônicos – integração escola e universidade por meio dos estudos de uma região” – PIBID/CAPES da Universidade do Estado do Pará em 2017-2018, desenvolvido na Escola Estadual Paulo Fonteles de Lima e que teve a oportunidade de trabalhar em espaços formais e não-formais de educação, os quais são e percebemos como espaços plurais potenciais de desenvolvimento da prática educativa, além disso discute-se o espaço que a geografia (conceitos) tem nesses ambientes. O trabalho foi organizado em conjunto com os então bolsistas do subprojeto de geografia, e com as coordenadoras do mesmo. Inicialmente, foram escolhidos pela coordenadora do projeto, cinco espaços que apresentam marcas históricas de formação espacial, bem como as ruas que atuaram e outras que atuam como eixos de expansão urbana, aos bolsistas, ficaram as tarefas de se dividirem em cinco duplas, sendo responsáveis pelo levantamento de dados bibliográficos, elaboração de material paradidático e explicação dos espaços anteriormente selecionados para a construção de análise da cidade. Ficou visível entre os alunos a importância de sair ao encontro desses espaços que outrora serviram como ocupação territorial e de formação socioespacial de Belém, e que hoje são objetos espaciais de análise e construção de conhecimento. A intenção desse trabalho não é e nunca foi a de descentralizar a influência e a importância da escola regular de educação básica, mas relacioná-la com esses espaços e apontar alternativas práticas para a construção do conhecimento.

<sup>1</sup> Este trabalho é um relato da experiência da Proposta de Ação Educativa-PAE, desenvolvido junto ao Projeto PIBID-CAPES da Universidade do Estado do Pará –Subprojeto de Geografia intitulado “Formação Socioespacial, Território e Saberes Amazônicos – integração escola e universidade por meio dos estudos de uma região”. O referido projeto foi coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Msc. Léa Maria Gomes da Costa, tendo como Professora coordenadora na escola campo EE Paulo Fonteles de Lima, a Docente Renata Pinheiro.

<sup>2</sup> Graduanda em Geografia, ex-bolsista do Subprojeto de Geografia do PIBID-UEPA, e ex-bolsista do Programa de Residência Pedagógica-CAPES-MEC da Universidade do Estado do Pará (UEPA), *campus* Belém.

**Palavras-chave:** Espaços formais; espaços não-formais; prática educativa.

## **Introdução**

Muito se tem discutido sobre a importância e os obstáculos das estruturas organizacionais e físicas dos espaços formais educacionais no Brasil, assunto esse muito debatido em trabalhos acadêmicos, encontros locais, regionais ou nacionais, que apresentam em certa medida um cenário de pouca perspectiva positiva para o futuro do ensino da geografia nas escolas, sobretudo quando analisado sob as novas reformas que a educação brasileira vem sofrendo, nesse contexto é que este trabalho apresenta um relato da experiência quando da participação no então Subprojeto de Geografia “Formação Socioespacial, Território e Saberes Amazônicos – integração escola e universidade por meio dos estudos de uma região” – PIBID/CAPES da Universidade do Estado do Pará em 2017-2018, que foi desenvolvido na Escola Estadual Paulo Fonteles de Lima e que teve a oportunidade de trabalhar em espaços formais e não-formais de educação, os quais são e percebemos como espaços plurais potenciais de desenvolvimento da prática educativa, além disso discute-se o espaço que a geografia (conceitos) tem nesses ambientes.

Inicialmente, o trabalho torna-se relevante pela possibilidade de alunos ainda na graduação terem contato e serem responsáveis- mesmo que sob monitoramento da professora da educação básica- por uma turma quer seja do ensino fundamental quer seja do ensino médio, podendo colocar em prática uma pedagogia de projetos voltadas para a necessidade da educação mas sobretudo alinhado à teoria que esse graduando está construindo nesse momento importante que é a formação inicial, sobre essa necessidade de se pensar a formação de professores, Pimenta (1999, p. 15) no final dos anos 90 já alertava que era necessário fazer esse exercício de “repensar a formação inicial e contínua, a partir da análise das práticas pedagógicas e docentes, [...]”, tais práticas vão além do fazer docente dentro de sala de aula, mas envolve também outros espaços e outros sujeitos capazes de construir conhecimento.

Como mencionado anteriormente, este trabalho é fruto de análises feitas quando da participação no Programa de Iniciação à Docência, ainda que não seja o foco de análise, faz-se necessário pontuar nesse momento a importância do Programa para a formação do (a) professor (a), nesse caso, do (a) profissional habilitado em geografia. Por muito tempo falava-

se da falta de apoio à formação inicial, e do distanciamento da teoria com a prática em sala, sobre esse assunto, na década de 1990, Pimenta (1999, p. 16) afirmava que as pesquisas demonstravam

[...] que os cursos de formação, ao desenvolverem um currículo formal com conteúdos e atividades de estágios distanciados da realidade das escolas, numa perspectiva burocrática e cartorial que não dá conta de captar as contradições presentes na prática social de educar, pouco têm contribuído para gestar uma nova identidade do profissional docente.

Assim, na contramão dessa realidade, os Programas de Iniciação à Docência representam se não em todos os casos, mas na maioria das vezes uma superação dos problemas encontrados no Estágio Supervisionado, componente curricular dos cursos de Geografia, que poderia ser um momento de ter a prática como um componente curricular, mais coloca em dúvida o licenciando do que o ajuda a construir de fato um perfil profissional docente, que “não é um dado imutável. Nem externo, que possa ser adquirido. Mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado. (PIMENTA, 1999, p. 18)”. Em muitos casos o estágio não representa a tão discutida aproximação da teoria com a prática, mas a observação estática da sala de aula. No caso em questão, o Programa foi fundamental para uma aproximação com a teoria, a prática, a realidade escolar com todos os seus obstáculos e com os pontos positivos, mas além disso, foi a aproximação com metodologias outras, com a utilização de diferentes contextos dentro da cidade como meio de formação docente e como instrumento de construção de conhecimento na educação básica. Ainda sob o ponto de vista de Pimenta (1999, p. 23) a

educação escolar [...] está assentada fundamentalmente no trabalho dos professores e dos alunos, cuja finalidade é contribuir com o processo de humanização de ambos pelo trabalho coletivo e interdisciplinar destes com o conhecimento, numa perspectiva de inserção social crítica e transformadora.

A educação em espaços não-formais, por outro lado e para além disso, também trabalha com possibilidades e conteúdos outros, que não estão ligadas a uma determinação legal, institucionalizado, mas que alcança os objetivos e a fundamentação da educação escolar, que quando trabalhados juntos conseguem os resultados esperados de uma educação de boa qualidade.

## **Caracterização da educação em espaços não-formais**

Apesar de aparecer já na década de 60, os trabalhos relacionados à educação em espaços não-formais ainda são muito tímidos no Brasil, com dificuldades de encontrar autores que tratam especificamente dessa modalidade de ensino, e os que abordam este assunto caem em um equívoco ao falar em “educação não-formal” ao invés de tratar o tema como “educação em espaços não-formais”, parecem a mesma coisa, mas uma leitura mais atenta há de ser perceber que no primeiro caso o sentido é de uma educação não formal, não intencionada, sem objetivos e sem o compromisso de construir conhecimento, por outro lado o segundo termo, que adotamos neste trabalho, refere-se a construção de conhecimento, de formação da cidadania em espaços não-formais ou não-institucionalizados, que não foram construídos para esse fim, mas que por algum motivo são e podem ser utilizados como meio para ensinar.

Para entender o que de fato é a educação em espaços não-formais, é preciso primeiro esclarecer o que entendemos como espaços formais, para isso utilizamos a definição de Jacobucci (2008, p, 56) onde afirma que

espaço formal é o espaço escolar, que está relacionado às Instituições Escolares da Educação Básica e do Ensino Superior, definidas na Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. É a escola, com todas as suas dependências: salas de aula, laboratórios, quadras de esportes, biblioteca, pátio, cantina, refeitório.

Na educação formal encontramos objetivos que foram traçados e tem um tempo a serem cumpridos, dependem de um currículo estabelecido hierarquicamente que são fiscalizados por órgãos, e em todas as esferas de ensino os alunos são submetidos periodicamente a avaliações e provas de rendimento. Mas na realidade, ainda que as práticas pedagógicas nessa educação institucionalizada venham sofrendo duras críticas como neste trecho de Arroyo (2014, p. 33)

As pedagogias escolares são as mais cercadas e fechadas a definir critérios rígidos de validade e até de não reconhecimento da validade dos saberes, modos de pensar e de pensar-se, de aprender e de educar-se que os educandos levam às escolas e às universidades. [...] Até os saberes e a criatividade e as autorias docentes são controlados no fazer pedagógico.

“A sociedade em modo geral concebe a escola como loco único e exclusivo de construção do conhecimento e, acaba por desprezar outras formas e espaços educacionais riquíssimos.” (NOVAIS, [201-], p. 00966).

Baseada nessa análise, para entendermos a educação em espaços não-formais é preciso analisá-las sob dois enfoques,

locais que são Instituições e locais que não são Instituições. Na categoria Instituições, podem ser incluídos os espaços que são regulamentados e que possuem equipe técnica responsável pelas atividades executadas, sendo o caso dos Museus, Centros de Ciências, Parques Ecológicos, Parques Zoobotânicos, Jardins Botânicos, Planetários, Institutos de Pesquisa, Aquários, Zoológicos, dentre outros. Já os ambientes naturais ou urbanos que não dispõem de estruturação institucional, mas onde é possível adotar práticas educativas, englobam a categoria Não-Instituições. Nessa categoria podem ser incluídos teatro, parque, casa, rua, praça, terreno, cinema, praia, caverna, rio, lagoa, campo de futebol, dentre outros inúmeros espaços. (JACOBUCCI, 2008, p. 56-57)

“Nesses espaços, são respeitadas as diferenças no tempo do processo ensino e aprendizagem por existir certa flexibilidade na proposta dos conteúdos” (ALMEIDA, 2014, não paginado.). Apesar disso, ela pode ser sistematizada e orientada por objetivos, metodologias e conteúdos que podem estar relacionados com os traçados na educação em espaços formais, que podem inclusive ser construído de forma conjunta. Para isso, é preciso que os atores envolvidos estejam dispostos a trabalhar dessa forma, Novais (201-, p. 00965) considera que essa modalidade

tem crescido nos últimos tempos, alavancando o número de possibilidades de se trabalhar com elementos de diversos campos das ciências em diferentes espaços, em particular a Geografia. Entretanto, ainda há uma resistência por parte dos profissionais e por grande parte da sociedade em reconhecer a riqueza de diferentes espaços como lócus de construção do conhecimento.

Nesse contexto, analisando as obras freirianas Leite e Duarte (2007, p. 42) afirmam que “Paulo Freire reflete, em suas obras, sobre a importância da tematização da realidade vivida para o desenvolvimento da consciência crítica.” Assim, a utilização desses diversos e diferentes espaços potencialmente educacionais, podem estar relacionados com infinitudes de tematizações como a ambiental, com a produção do espaço urbano, conseqüentemente com questões econômicas, cultural, afetiva, territoriais, ou seja, que estão postas e estabelecem relações com temas geográficos, importantes para a construção cidadã e crítica.

## **A prática realizada com o PIBID 2017/2018**

Em fevereiro de 2018, foi realizado em Belém-PA o trabalho nos espaços não-formais/institucionais com alunos de anos diferentes da escola Paulo Fonteles. A Escola Estadual Paulo Fonteles de Lima, está localizada no bairro da Pratinha II em Belém-PA, espacialmente está situada longe do centro comercial da cidade o qual também é o espaço de primeira ocupação e expansão da mesma, o bairro apresenta uma diversificação de dinâmicas urbanas, com a presença de estabelecimentos fabris, portos de escoação de mercadorias, bem como a presença de moradias, sendo em algumas áreas perceptível a acentuada predominância da marginalização e da face perversa do capital. Imersos nessas realidades, era comum encontrar na escola alunos que nunca tiveram a oportunidade de conhecer outra realidade que não a do bairro da Pratinha II, por consequência esses alunos também não conheciam a história de formação espacial da própria cidade. É precisamente nesse momento que entendemos a importância educacional dos espaços não formais e sobretudo o espaço que a geografia e os conceitos geográficos podem ser aplicados, utilizados para explica-los e explicar dependendo do contexto, a própria formação espacial da cidade. É assim que concordamos com Callai (2004, p. 4) quando afirma que a

A geografia propõe a leitura da realidade através daquilo que é o específico do seu trabalho, que é o espaço construído. Um espaço territorializado que faz parte da vida das pessoas, que é por elas construído, através da sua ação, mas também considerado a sua passividade, a sua não- ação. O espaço é o palco que serve de sustentáculo para as ações, mas ao mesmo tempo ele interfere, possibilitando, impedindo ou facilitando estas ações. Quer dizer o espaço é um território vivo. E para fazer a leitura deste território, a forma de apresentação que ele nos mostra é a paisagem. Uma paisagem é o retrato de um determinado lugar em um tempo específico, isto quer dizer que se apresenta de formas variadas ao longo do tempo. E além disto, a nossa apreensão pode não abarcar a visão de tudo, pois somos seletivos e portanto a nossa percepção da paisagem é sempre um processo seletivo de apreensão. Sendo a paisagem o que vemos, há a necessidade de olhar para além do que é o visível, pois ela não é formada apenas de volumes, mas também de cores, de movimentos, de odores, de sons.

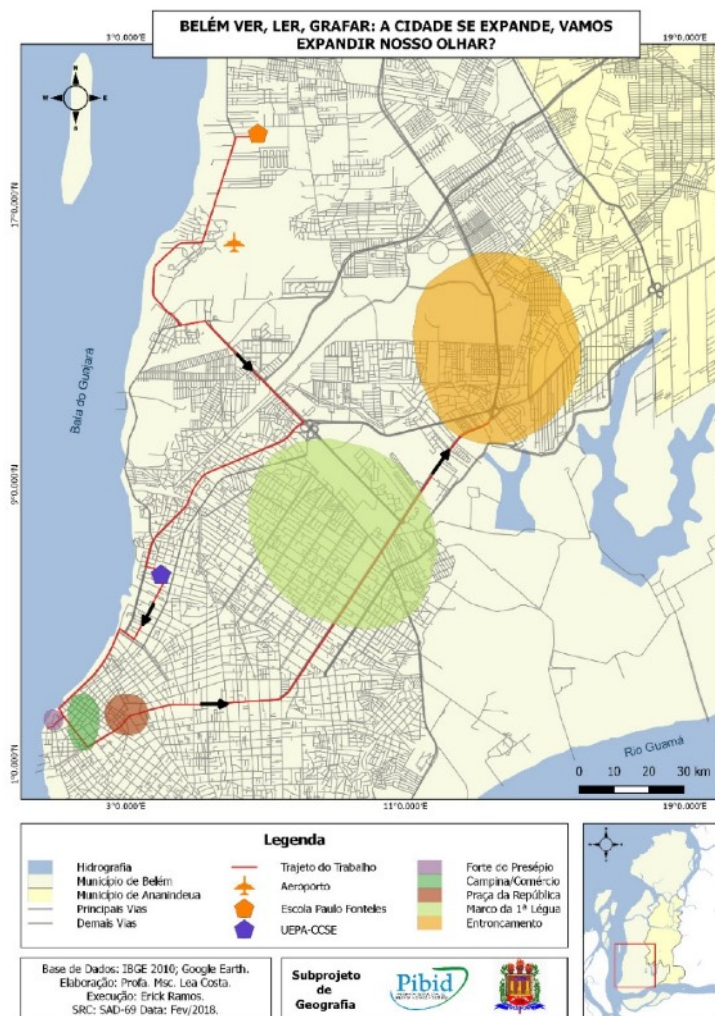
Dessa forma a proposta de ação educativa objetivou a expansão do olhar e sobretudo da análise socioespacial sobre Belém, essa expansão proposta, começa e segue de acordo com a expansão da própria cidade, que tem marcas históricas espalhadas e perpetuadas em monumentos e espaços públicos.

O trabalho foi organizado em conjunto com os então bolsistas do subprojeto de geografia, e com as coordenadoras do mesmo. Inicialmente, foram escolhidos pela

coordenadora do projeto, cinco espaços que apresentam marcas históricas de formação espacial, bem como as ruas que atuaram e outras que atuam como eixos de expansão urbana, aos bolsistas, ficaram as tarefas de se dividirem em cinco duplas, sendo responsáveis pelo levantamento de dados bibliográficos, elaboração de material paradidático e explicação dos espaços anteriormente selecionados para a construção de análise da cidade.

O mapa 1 apresenta a delimitação do trabalho com as turmas da escola Paulo Fonteles, nele é possível perceber a localização da escola em relação com os espaços de primeira formação e expansão da cidade. Esse material foi elaborado por um ex-bolsista PIBID e pela coordenadora do Projeto, ele também foi utilizado no trabalho com os alunos, à cada um foi entregue uma pasta com material para acompanhar o percurso, e fazer anotações.

**MAPA 1 – DELIMITAÇÃO DO TRABALHO COM AS TURMAS DA ESCOLA PAULO FONTELES**



Elaboração: Léa Costa, Erick Ramos.

FIGURA 1 – FORTE DO PRESÉPIO



FONTE: Arquivos do Pibid de geografia UEPA. (2018)

A figura 1 apresenta o primeiro momento de ocupação do território e formação de Belém, o Forte do Presépio, a partir dele surgem a abertura das primeiras ruas, da cidade como a Rua do Norte, Rua do Espírito Santo, dos Cavaleiros, São João, atualmente, são chamadas de Siqueira Mendes, Doutor Assis, Doutor Malcher, e São João, respectivamente. O Forte foi construído como marco e delimitação territorial, bem como de uma área que se propunha defensiva dos possíveis ataques inglês e holandês.

FIGURA 2 – BAIRRO DA CAMPINA/ COMÉRCIO/ PRAÇA DO RELÓGIO



FONTE: Arquivos do Pibid de geografia UEPA. (2018)

A figura 2 também é um dos momentos do trabalho em espaços não-formais e um dos locais de primeira ocupação e formação da cidade de Belém, hoje a Praça do Relógio fica



no bairro da Campina, também chamado de Comércio, ao lado desse primeiro ponto está localizado o Mercado do Ver-o-Peso, e o comércio da cidade, nessa área é comum encontrar traços que remetem à época dessa época, sobretudo ao período da Belle Époque, fase áurea da comercialização da borracha. Esse momento histórico gerou intensas mudanças espaciais de Belém.

FIGURA 3 – TEATRO DA PAZ/ PRAÇA DA REPÚBLICA



FONTE: Arquivos do Pibid de geografia UEPA. (2018)

A figura anterior mostra a participação dos alunos em uma visita guiada pelo Teatro da Paz, localizado na Praça da República, depois da explicação sobre a expansão de Belém pela Avenida Presidente Vargas, a abertura dessa via foi feita a partir da procura de ocupação para áreas mais altas da cidade, tanto as áreas apresentadas anteriormente quanto essa via sofreram uma série de investimentos para o melhoramento e embelezamento, isso foi possível pelas arrecadações do comércio da borracha, nessa época houve um grande desenvolvimento urbano para os principais polos, de comércio do látex, muitas cidades surgiram e outras se desenvolveram, o Teatro da Paz foi a primeira casa de espetáculos construída na Amazônia e tem características grandiosas, e representa para a materialização da desigualdade social perceptível por um *tour* pelo mesmo. Enquanto, nesses polos de desenvolvimento amazônico o clima era de luxo e extravagância, as áreas de extração do látex se aprofundavam em mazelas, exploração da mão de obra, e marginalização dos migrantes que chegavam para trabalhar com a extração.

Seguindo pelas vias de Belém, até o Marco da Primeira Léguas Patrimonial, esta demarcação surgiu a partir da primeira demarcação do núcleo inicial da cidade e funcionava como um cinturão institucional, atualmente é formado pelas Avenidas Doutor Freitas e Perimetral, duas importantes vias, nessa área há também a presença de bairros que remetem a essa época, como o bairro do Marco, é um bairro residencial e está localizado entre o centro e a periferia de Belém. O último espaço a ser visitado era o Entroncamento, porém por motivos de horário e condições de trafegabilidade não foi possível levar os alunos até o espaço. Apesar disso, o trabalho como um todo foi muito significativo e didático.

### **Considerações finais**

O resultado foi visto no próprio local, ficou visível entre os alunos a importância de sair ao encontro desses espaços que outrora serviram como ocupação territorial e de formação socioespacial de Belém, e que hoje são objetos espaciais de análise e construção de conhecimento. A intenção desse trabalho não é e nunca foi a de descentralizar a influência e a importância da escola regular de educação básica, mas relacioná-la com esses espaços e de apontar alternativas práticas para a construção do conhecimento, que vise muito além de um cumprimento de carga horária anual, mas a formação integral do indivíduo, fazendo-o despertar para a prática cidadã reflexiva e consciente, além de abrir o leque de possibilidades para a atuação do profissional de geografia bem como a implementação desses espaços como opções de estágio obrigatório dos discentes desta ciência, visto que as universidades não os reconhecem como campo possível de estágio e desenvolvimento de pesquisas. Ressalta-se ainda os recursos que os espaços não-formais disponibilizam para a construção das aulas.

### **Referências**

- ALMEIDA, M. S. B. Educação não formal, informal e formal do conhecimento científico nos diferentes espaços de ensino e aprendizagem. In: Secretaria da Educação, Governo do Estado do Paraná (Org.) **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor** Produções Didático-Pedagógica. v. II. Paraná: Cadernos PDE, 2014.
- ARROYO, M. G. **Outros sujeitos, Outras pedagogias**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014
- LEITE, O. S. L.; DUARTE, J. B. Aprender a Ler o Mundo. Adaptação do método de Paulo Freire na alfabetização de crianças. **Revista Lusófona de Educação**, 2007, 10, 41-50.

CALLAI, H. C. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. **Anais do VIII Congresso Luso- Afro- Brasileiro de Ciências Sociais: A questão social no novo milênio.** Coimbra, 2004.

JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a Formação da cultura científica. **EM EXTENSÃO**, Uberlândia, V. 7, 2008. p. 55-66.

NOVAIS, G. S. de. A GEOGRAFIA E A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO POR MEIO DE OFICINA. In.: **Didática e Prática de Ensino na relação com a Formação de Professores.** EdUECE, Livro 2. [201-], p. 965-969.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez Editora, 1999. p.15 - 34.